

Programa de Pós-Graduação em História da UFJF: Uma trajetória de 15 anos

UFJF Graduate Program in History: A 15-Year Path

Programa de Posgrado en Historia de la UFJF: Una trayectoria de 15 años

Fernando Perlatto*

<https://orcid.org/0000-0003-4301-0826>

Para citar esta entrevista:

PERLATTO, Fernando. Programa de Pós-Graduação em História da UFJF: Uma trajetória de 15 anos. **Locus - Revista de história**, Juiz de Fora, v.25, n. 2, p.357-369, 2019 E-ISSN: 2594-8296 - ISSN-L: 1413-3024

No ano de 2004, vários dos professores do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz Fora concretizaram um projeto que já vinha sendo planejado há alguns anos, voltado para a criação de um programa de pós-graduação em História na instituição. Para que este projeto pudesse ser levado adiante, houve um empenho coletivo de diversos docentes no sentido de, por um lado, possibilitar a capacitação dos professores do Departamento, liberando-os para a realização do Doutorado em outras instituições do país; e, de outro, impulsionar iniciativas que dessem condições para o desenvolvimento e a circulação da pesquisa no âmbito da universidade, com destaque para a criação do Arquivo Histórico, do Núcleo de História Regional, da Revista Eletrônica de História do Brasil – REHB, da *Locus: Revista de História* e da editora eletrônica *Clio, Edições*. Desde a sua criação em 2004, passaram-se quinze anos. Neste período, o programa criou o Doutorado, que iniciou suas atividades em 2011. Agora, em 2019, o Programa de Pós-Graduação em História rememora e celebra esta trajetória institucional bem-sucedida, que o consolidou como um programa de excelência e de referência no país.

* Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGHIS-UFJF).



Ao longo desses quinze anos, muitas coisas se modificaram. A própria Universidade Federal de Juiz de Fora passou por transformações substantivas. Se naquele momento da fundação do PPG História, a UFJF era uma instituição que ainda dava os passos iniciais para a constituição de seu sistema de pós-graduação, nos últimos quinze anos, em decorrência de um maior investimento de recursos próprios – com destaque para o Programa de Apoio à Pós-Graduação (APG) e para a criação de um programa interno de concessão de bolsas de pós-graduação nas modalidades Mestrado e Doutorado, para todos os cursos de pós da instituição –, ela teve um crescimento notável, ampliando significativamente o número de programas de Mestrado e de Doutorado. O Brasil também mudou ao longo desses quinze anos e o PPG História da UFJF consolidou seu programa em um contexto no qual a pós-graduação do país também cresceu de forma robusta, em virtude de maiores investimentos por parte dos governos federal e estadual, a partir do aporte de agências como CAPES, CNPq e FAPEMIG em infraestrutura e em bolsas de pesquisa para discentes e docentes.

O PPG História também foi mudando sua composição demográfica ao longo destes quinze anos. Ainda que muitos docentes que estavam na fundação do programa ainda permaneçam atuantes, outros colegas, em virtude de razões diversas, se afastaram, ao passo que o PPG História acabou por incorporar novos professores ao quadro permanente, sendo estes tanto profissionais em início de carreira, que haviam realizado concursos para o Departamento de História, quanto professores mais experientes, que ingressaram no programa, em virtude de concursos para Professor Titular ou Professor Visitante. Com uma formação plural em relação às instituições que se formaram e quanto ao período em que realizaram seus doutoramentos e contando em seu quadro com vários docentes que realizaram o pós-doutorado em instituições estrangeiras e professores que são titulares e bolsistas de produtividade do CNPq, o corpo docente do PPG História possui uma composição qualificada e diversificada em relação às áreas de produção acadêmica e de orientação. Esta variabilidade é uma riqueza para o programa, possibilitando aos discentes uma multiplicidade de possibilidades de pesquisa e de orientação nas duas linhas de pesquisa que estruturam o PPG História, a saber: *Poder, Mercado e Trabalho e Narrativas, Imagens e Sociabilidades*.

Em decorrência de sua qualidade e da localização geográfica, ao longo destes quinze anos o PPG História da UFJF recebeu alunos de diferentes regiões do país, desempenhando um papel importante e estratégico na formação de jovens pesquisadores. Nos últimos anos, o Programa também tem sido procurado cada vez com mais interesse e frequência por estudantes estrangeiros, sobretudo da América Latina. Desde sua fundação, o programa foi responsável pela titulação de mais de 240 mestres e 50 doutores, com trabalhos que vêm sendo muito bem avaliados por bancas compostas por professores vindos de diferentes instituições do país, inclusive com premiações importantes aos trabalhos

desenvolvidos, concedidas por instituições como a ANPUH e a CAPES. Como resultado do empenho institucional, mesmo em contextos marcados pela crise como aquele que se coloca no tempo presente, a maior parte dos discentes tem recebido bolsas de estudo, fundamentais para que eles possam continuar desempenhando suas atividades de pesquisa.

Dentre as experiências inovadoras no PPPG História da UFJF, merece destaque especial a atuação dos laboratórios de pesquisa. Atualmente, o programa reúne sete espaços como estes que reúnem professores e alunos, a saber: Laboratório de História Econômica e Social (LAHES); Laboratório de História Política e Social (LAHPS); Núcleo de Estudos em História Social da Política (NEHSP); Laboratório de História da Arte (LAHA); Laboratório de Patrimônios Culturais (LAPA); Laboratório de Estudos Africanos (AFRIKAS) e o Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI). Estes laboratórios se constituíram ao longo dos anos como os principais espaços de atividades do programa, organizando eventos e desenvolvendo atividades acadêmicas diversas, possibilitando a articulação dos docentes e discentes, tanto da pós-graduação, quanto da graduação.

Dentre as atividades realizadas no âmbito do PPG História da UFJF não se pode deixar de registrar a importância da manutenção de revistas acadêmicas que se tornaram referências importantes na área: a *Locus: Revista de História* e a *Faces de Clio*. A *Locus*, criada em 1995, é uma tradicional publicação que vem passando por mudanças importantes ao longo dos últimos anos. Atualmente, prioriza sua divulgação em suporte digital, em consonância com as mais modernas tendências e orientações das agências de fomento, o que tem possibilitado uma redução nos seus custos de manutenção e de uma ampla disponibilização da informação. Já a revista *Faces de Clio* foi criada em 2014 pelos discentes da Pós-Graduação e tem se consolidado, desde então, como uma publicação importante na área de História. Ainda no que concerne a estas iniciativas, merece destaque especial os esforços coletivos que o PPG História vem realizando desde 2017 no sentido de reativar a editora eletrônica *Clio, Edições*.

Nos últimos anos, o PPG História da UFJF tem se aberto para dois grandes desafios: por um lado, a busca pela ampliação de sua internacionalização; de outro, a tentativa de torná-lo ainda mais inclusivo. No que diz respeito ao primeiro desafio, o Programa tem desenvolvido uma política interna para garantir o fluxo constante de licenças para o estágio de pós-doutoramento no exterior, além de estar realizando esforços, em parceria com a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa e a Diretoria de Relações Internacionais da UFJF, para a vinda de professores de outras instituições na condição de pesquisadores convidados. Em relação aos discentes, o PPG História enviou ao longo dos últimos anos vários alunos para desenvolverem suas pesquisas em instituições estrangeiras, sobretudo com o suporte do Programa Institucional de Doutorado-Sanduiche (PDSE), da CAPES, e tem recebido alunos do exterior, a partir da iniciativa do Programa de Doutorado Sanduiche Reverso, desenvolvido na UFJF.

Além disso, o programa tem dado início às primeiras iniciativas para a realização de parcerias de cotutela com instituições do exterior.

Já no que concerne ao segundo desafio, o PPG História tem impulsionado iniciativas orientadas no sentido de assegurar processos de inclusão na pós-graduação. Neste ano de 2019, quando o programa celebra seus quinze anos, foi lançado o primeiro edital de seleção para Mestrado e Doutorado estabelecendo cotas para três grupos diversos: Pretos, Pardos e Indígenas (PPI), Pessoas com Deficiência (PCD) e Transexuais, Transgêneros e Travestis (Trans). Além disso, foi ampliado o número de vagas disponíveis para o Mestrado e o Doutorado. Essas iniciativas foram realizadas a partir da percepção de que um programa de pós-graduação de qualidade deve ser também um programa inclusivo, plural e democrático. A diversidade e a excelência se articulam e se colocam como compromissos centrais para o PPG História, principalmente em um contexto marcado por adversidades e ataques à área das humanidades e às instituições públicas de ensino superior.

Em 2004, eu ainda era um aluno da graduação em História da UFJF. À época pude acompanhar o esforço dos meus então professores no sentido de fundar e construir um programa de pós-graduação na instituição. Hoje, na condição de Coordenador do PPG História e colega de muitos dos meus antigos professores e de novos docentes, sinto um enorme orgulho e uma felicidade de, juntos estarmos refletindo sobre esta história e discutindo coletivamente o nosso futuro. Como Coordenador, apenas posso agradecer a todos os colegas docentes, aos discentes e aos técnicos-administrativos pela dedicação e pelos trabalhos realizados ao longo destes quinze anos, sem os quais a construção coletiva não teria sido possível.

Vida longa ao Programa de Pós-Graduação em História da UFJF!

Entrevistas – Coordenadores PPG História UFJF 15 anos

No dia 12 de novembro de 2019, os professores e os alunos do PPG História se reuniram para refletirem sobre a trajetória de quinze anos do programa. Na primeira mesa do evento, os atuais coordenadores dos laboratórios de pesquisa falaram sobre as histórias destes espaços e abordaram as atividades que vêm sendo desenvolvidas por docentes e discentes. Na segunda mesa, os antigos coordenadores do programa – Alexandre Mansur Barata, Carla Maria Carvalho de Almeida, Cláudia Maria Ribeiro Viscardi, Maraliz de Castro Vieira Christo e Silvana Mota Barbosa¹ – discutiram suas gestões e analisaram os principais desafios para o programa. O evento se encerrou com uma conferência do professor Cláudio Batalha, Coordenador da área de História na CAPES.

Com o intuito de lembrar e celebrar os quinze anos da trajetória do PPG História, realizamos entrevistas com alguns dos antigos Coordenadores, que discutem a formação do programa, as transformações ao longo dos anos e os desafios centrais para o seu futuro.

Boa leitura!

Profa. Dra. Maraliz de Castro Vieira Christo

Período da Coordenação: agosto de 2006 a dezembro de 2008

- *Passados quinze anos, como você se recorda do processo de criação do PPG História? Quais foram as principais dificuldades e desafios naquele momento?*

Encontrava-me de licença para doutoramento no momento de criação do mestrado. Entretanto, participei ativamente de todo o processo anterior. Havia plena consciência que não se podia criar uma pós-graduação do nada. Tínhamos duas possibilidades, nos associarmos a outra instituição ou capacitarmos para termos o número de doutores suficiente. Embora fosse mais demorado, optou-se por liberar o maior número possível de professores para o doutoramento, visando a implantação de um programa de pós-graduação autônomo. Igualmente, havia grande preocupação com as condições objetivas de pesquisa. Assim, ao longo dos anos, criou-se: o Arquivo Histórico, visando a localização, preservação e disponibilização de fontes para a pesquisa; o Núcleo de História Regional, reunindo pesquisadores de áreas diferentes, naquele momento trabalhando sobre o mesmo espaço regional, o que nos aproximou;

¹ A professora Mônica Ribeiro de Oliveira foi também Coordenadora do PPG História da UFJF, mas não pode estar presente no evento em decorrência de compromissos previamente assumidos na condição de Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da UFJF.

e a *Locus: Revista de História*, objetivando divulgar trabalhos desenvolvidos no núcleo e estabelecer contatos com a comunidade acadêmica. Ainda, ofereceu-se vários cursos de pós-graduação em *lato sensu*, buscando experiência. Também se fez necessário reformular o currículo da graduação, permitindo aos professores trabalharem tanto nela quanto na pós. Por fim, o mais difícil foi definir as linhas de pesquisa, pois tínhamos a convicção que elas deveriam englobar os trabalhos já existentes, ser uma proposta mais próxima possível do que realmente fazíamos.

▪ *Como você analisa as transformações do PPG História ao longo destes quinze anos?*

As transformações vieram na equação de três elementos: a criação de uma dinâmica interna ao próprio programa, o enfrentamento da falta de uma cultura relativa à pós-graduação por parte da UFJF e as modificações frequentes no processo de avaliação da CAPES, nem sempre muito claras. Nessa trajetória foi muito importante o esforço inicial para termo bases sólidas, o comprometimento com um trabalho coletivo e a coordenação segura do professor Alexandre Mansur Barata. Superadas as vicissitudes de implantação do programa e criação de uma rotina, a questão seguinte foi percebermos como nos situarmos frente às sucessivas avaliações da CAPES, sempre muito positivas, mas, ao mesmo tempo, sinalizando para pontos susceptíveis de ajustes. Assim, foi possível o avanço nas notas da CAPES, de 3 para 4, e desta para 5. Igualmente, a implantação do doutorado, em 2010, foi importante, como também a organização dos laboratórios e núcleos de pesquisa, hoje, vitais para o programa. Deve-se destacar a busca de qualidade das dissertações e teses, algumas publicadas e/ou premiadas; a dedicação do corpo docente, produzindo acima da média nacional; a atração de alunos de várias regiões do país, assim como a internacionalização da pós-graduação, enviando e recebendo alunos do exterior. O destino dos egressos do programa corrobora, por sua vez, a qualidade do ensino recebido. Evidentemente, nem tudo são flores, mas o saldo é muito positivo.

▪ *Quais são os principais desafios colocados para o PPG História no futuro?*

A pós-graduação é mais susceptível às mudanças conjunturais, tanto no interior da própria UFJF, quanto do governo federal, pela dependência de recursos destinados às bolsas, pesquisas e organização das bancas. A questão fundamental que se coloca, hoje, é como mantermos e avançarmos o nível de qualidade alcançado, frente a conjuntura incerta em que vive a universidade pública e gratuita. Também a grande renovação no interior do corpo docente, nos últimos anos, demandará esforços no conhecimento do outro. Será necessário muito diálogo para o estabelecimento de nossas próprias

prioridades, pensando sempre no desenvolvimento da pesquisa, no melhor preparo dos alunos e na busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

Profa. Dra. Carla Maria Carvalho de Almeida

Período da Coordenação: outubro de 2012 a julho de 2014

- *Passados quinze anos, como você se recorda do processo de criação do PPG História? Quais foram as principais dificuldades e desafios naquele momento?*

Meu contato profissional com a UFJF iniciou-se em 1996 quando ingressei como substituta da UFJF e, logo a seguir, fui aprovada em concurso público e efetivada. Àquela altura, embora a pós-graduação ainda não fosse uma realidade muito difundida na UFJF, era evidente que a instituição passava por uma intensa renovação de seus quadros e investia fortemente em várias frentes com vistas à ampliação da pós-graduação. Nesse mesmo sentido, o Departamento de História investia na qualificação dos seus professores com a meta da criação futura de um programa de pós-graduação. Pouco tempo antes do meu ingresso na instituição havia sido criado o Arquivo Histórico da UFJF e o Núcleo de História Regional que objetivavam dar suporte e promover pesquisas sobre Juiz de Fora e a Zona da Mata mineira, que acabaram viabilizando a criação da *Locus: Revista de História*. Todas estas ações seriam instrumentos fundamentais para criar as bases para a pós-graduação. A política de priorizar a qualificação dos seus quadros muitas vezes levou os professores do Departamento de História a assumirem múltiplas tarefas para conseguirem liberar os colegas para realização de suas pós-graduações. Esse empenho surtiria efeito.

Em 2003, já contávamos com um número de professores doutores suficiente para dar corpo a um programa de pós. Além disso, o departamento tinha conseguido criar: um Arquivo Histórico que abrigava um importante acervo documental dos séculos XIX e XX, duas revistas científicas, quatro núcleos de pesquisa, além de ter ampliado significativamente o acervo da biblioteca do antigo ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras). Entendemos que aquele era o momento de construir a proposta para a criação do programa de pós-graduação e para submetê-la à aprovação da CAPES. As principais dificuldades encontradas para a criação do programa estavam relacionadas à pequena tradição dentro da UFJF do envolvimento com a pós-graduação até aquele momento. No entanto, um fator que nos favoreceu muito naquele momento era a presença da nossa colega de departamento, professora Cláudia Viscardi, à frente da Pró-Reitoria de Pesquisa. A professora Cláudia Viscardi assumira a Pró-Reitoria justamente com a meta de fazer avançar a pós-graduação na UFJF. Com o apoio da Pró-

reitoria conseguimos o financiamento para a vinda de consultores que nos ajudaram a tornar a proposta mais sólida

Partindo das características de formação e atuação do conjunto de professores doutores existentes no departamento de História, estruturamos a proposta a partir da área de concentração denominada *História, Cultura e Poder* e de duas linhas de pesquisa: *Poder, Mercado e Trabalho* e *Narrativas, imagens e sociabilidades*. Nossa proposta foi aprovada pela CAPES e, em meados de 2004, fizemos nossa primeira seleção dando início ao curso. Além das duas linhas de pesquisa, o programa foi se estruturando em torno dos núcleos de pesquisa já existentes em 2004 e dos demais que foram surgindo nos anos seguintes. Àquela altura o número de bolsas era pequeno e a infraestrutura para o funcionamento dos núcleos de pesquisa e das bibliotecas ainda deixavam muito a desejar.

- *Como você analisa as transformações do PPG História ao longo destes quinze anos?*

Quando iniciamos o Programa de Pós-graduação em História na UFJF, os recursos disponíveis para a pesquisa eram extremamente restritos, nossas bibliotecas ainda eram muito limitadas e careciam de títulos básicos, nossos salários eram achatados e a infraestrutura do nosso campus era muito precária. Os anos dos governos do Partido dos Trabalhadores no nível federal mudariam substancialmente este panorama. É preciso reconhecer que também no nível estadual neste mesmo período, em que distintos partidos políticos estiveram à frente do governo, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas (FAPEMIG) também promoveu investimentos importantes na área da pesquisa. Com isso, a estrutura física da nossa instituição melhorou radicalmente, nossas bibliotecas se ampliaram substancialmente, nossos salários foram recompostos, ampliou-se o número de professores em todos os departamentos, novos cursos foram criados e não faltaram recursos para o financiamento da pesquisa.

Como resultado do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), iniciadas no governo do Presidente Lula, o Instituto de Ciências Humanas (ICH) ganhou novos prédios. Neste novo espaço, todos os núcleos de pesquisa ligados ao PPGHIS ganharam salas próprias onde funcionam atualmente nossas atividades. Com as diversas linhas de financiamento a nível federal existentes durante os governos do Partido dos Trabalhadores e com as políticas de incentivo à pesquisa da FAPEMIG, conseguimos equipar o espaço físico de todos os núcleos e financiar inúmeras viagens para visitas técnicas e participação em eventos nacionais e internacionais dos pesquisadores ligados aos laboratórios ao longo da última década. Além disso a administração central

da UFJF passou a aportar um valor significativo do seu orçamento para os programas de pós-graduação da instituição, o que foi fundamental para alavancar nosso trabalho.

Foi muito gratificante vivenciar estas mudanças estruturais ocorridas na instituição. Mas foram principalmente as mudanças relacionadas ao público atendido na universidade que mais me impactaram e que mudariam também o perfil dos estudantes da pós-graduação. Ainda que História seja um curso com demanda relativamente mais modesta quando comparada aos cursos de medicina, direito ou odontologia, por exemplo, eram raríssimos os alunos negros e pardos em nossas salas de aula. Esse perfil foi essencialmente alterado desde que as políticas de ações afirmativas começaram a ser promovidas pelo governo federal.

Na UFJF, desde 2004, logo após a promulgação do projeto de lei do governo federal no. 3.627/2004 sobre a política de cotas, a UFJF criou uma comissão para debater o tema. Nosso departamento contribuiria decisivamente para a implementação das cotas raciais na UFJF na medida em que promovemos diversos eventos para debater a questão. Me lembro das discussões acaloradas ocorridas no anfiteatro do antigo ICHL com a presença de defensores e opositores das cotas raciais. Foram sete reuniões e quatro seminários promovidos pela comissão. Tais debates culminariam com a redação do relatório final sobre o tema, cujo principal relator foi o nosso colega do departamento de História, Ignacio Delgado. Este relatório, com parecer favorável à adoção das cotas sociais e raciais pela UFJF, foi aprovado pelo CONSU em 2005 e, a partir de 2006, foi implementado o sistema de cotas. Hoje nossas salas de aula são visivelmente multirraciais e plurais do ponto de vista do gênero. Esse movimento também alteraria, embora mais lentamente, o perfil dos pós-graduandos.

Atualmente na UFJF as políticas de inclusão foram ampliadas e estão muito mais sofisticadas, ficando a cargo da Diretoria de Ações Afirmativas a promoção de ações que visem “a defesa e o protagonismo de grupos historicamente excluídos, como negros, mulheres e LGBTQTTIs”². Recentemente adotamos reserva de vagas com cotas para grupos específicos no PPGHIS. Estamos nesse momento realizando nosso primeiro processo seletivo com essa política de cotas. Apesar das ameaças que pairam atualmente sobre este cenário, nossa meta é continuar fazendo o possível para manter e ampliar para a pós-graduação esta diversidade de gênero, raça e condição social que caracterizam hoje nossas salas de aula.

Fui coordenadora do PPGHIS entre os anos de 2012 e 2014. Foi no período da minha gestão que obtivemos a nota 5 na avaliação da CAPES, certamente não exclusivamente pelo meu empenho, mas pelo trabalho coletivo do conjunto de professores e pela excelência dos coordenadores que me precederam. O trabalho coletivo sempre foi a característica mais marcante do conjunto de professores do departamento e do programa de pós em História da UFJF. O grande desafio do PPGHIS, quando

² Maiores informações podem ser obtidas no endereço: <http://www.ufjf.br/diaaf/>

fui coordenadora, era levar à frente a tão cobrada inserção internacional. Neste aspecto, tive a sorte de minha gestão coincidir com um contexto muito favorável para a promoção de ações no sentido da circulação internacional de professores e alunos. Aproveitando o incentivo sempre explicitado pela coordenação de área da CAPES para a implementação das bolsas PDSE, incentivamos fortemente os nossos alunos a realizarem estágios no exterior. Deste período até o presente, todos os doutorandos que pleitearam estágios no exterior tiveram suas propostas aprovadas e suas bolsas implementadas.

Mais recentemente começamos a promover editais para receber estudantes externos. Em 2013 recebemos pela primeira vez alunos do exterior, um da Colômbia e outro do Peru, para cursarem respectivamente o doutorado e o mestrado no PPGHIS e daí em diante continuamos recebendo novos alunos do exterior anualmente. Nos últimos anos muitos colegas realizaram estágios de pós-doutoramento no exterior, o que acabou por potencializar o projeto de inserção internacional do programa.

Mais recentemente várias ações tem tornado o programa cada vez mais cosmopolita e dinâmico: diversos professores tem supervisionado estágios de pós-doutoramento no programa; recebemos alunos externos dentro do programa doutorado sanduíche reverso promovido pela PROPP; recebemos vários professores visitantes do Brasil e do exterior para estadias curtas e longas na UFJF; estabelecemos convênios e parcerias com diversas instituições nacionais e internacionais.

Creio que as políticas de maior aporte de investimentos nas universidades públicas e nas atividades de pesquisa por parte do governo federal, entre os anos de 2003 e 2016, tiveram também papel fundamental na consolidação dos programas de pós-graduação em universidades fora das grandes capitais, como é o nosso caso. Registre-se também que o grande investimento da administração central da UFJF neste período de funcionamento do programa foram essenciais para a projeção do PPGHIS/UFJF como importante referência na área. Mas é sem dúvida o trabalho coletivo do corpo de professores que tem garantido a qualidade do trabalho, manifesto na manutenção da nota 5 pela CAPES em nossa última avaliação.

- *Quais são os principais desafios colocados para o PPG História no futuro?*

Penso que o principal desafio que se coloca para o PPGHIS/UFJF nos próximos anos é a consolidação da internacionalização. Apesar de termos avançado muitíssimo nas ações para garantir a maior projeção internacional do programa, principalmente em relação à circulação de professores e alunos por diversas instituições em distintas partes do mundo, ainda há muito para avançarmos.

Além disso, na atual conjuntura, o problema mais estrutural que se anuncia, e que não será exclusivo do nosso programa, é a luta pela manutenção do financiamento para a pesquisa em geral, mas especialmente para as bolsas destinadas aos alunos. Diante de um governo que tem explicitamente anunciado de modo quase surreal que sua meta é acabar com o “aparelhamento ideológico” das universidades que estariam ocupadas por “professores doutrinadores”, a luta pela liberdade de pensamento, expressão e investigação, também será fundamental e árdua.

Profa. Dra. Cláudia Maria Ribeiro Viscardi

Período da Coordenação: agosto de 2016 a julho de 2018

- *Passados quinze anos, como você se recorda do processo de criação do PPG História? Quais foram as principais dificuldades e desafios naquele momento?*

Me lembro que na ocasião eu era Pró-Reitora de Pesquisa da UFJF. Mesmo afastada de parte das minhas atividades em sala de aula, participei da comissão, que coordenada pelo Alexandre Barata, tinha por objetivo elaborar um projeto de criação do Mestrado para ser enviado para a CAPES. Na ocasião, a UFJF tinha uma PG muito pequena, reduzida a dois ou três Programas. Me lembro de ter entrado em contato com o Programa de Ciência da Religião, o primeiro a ser criado na UFJF, com vistas à troca de ideias. Eles nos apoiaram e nos deram as primeiras instruções. Depois foi a hora de discutirmos as propostas. Há muito nos reuníamos em um núcleo de pesquisa e tínhamos já criado a *Locus*, nossa Revista, que é anterior ao Programa.

Ademais, havíamos feito, ao longo da década de 1990, um esforço muito grande de capacitação, pois quase todos nós só tínhamos o título de mestre, quando entramos para a UFJF. Concedemos licença de quatro anos para todos os docentes interessados em cursar o Doutorado e nosso Programa conseguiu qualificar uma turma grande em poucos anos. Me lembro que teve uma ocasião em que liberamos seis professores para capacitação. Era quase 1/3 do Departamento! Tínhamos já uma experiência acumulada de Pós-Graduação *lato-sensu* e alguns colegas participavam do Programa em Ciência da Religião. Portanto, após este período de preparação, reuníamos todas as condições para elaborar a proposta de criação da Pós-Graduação.

Nossa dificuldade era organizar os docentes em duas linhas de pesquisa, dada a formação diversificada dos mesmos. Tínhamos colegas da Sociologia Política, da História e até da Engenharia de Produção. Com a ajuda dos consultores, Lucília Neves e Janaína Amado, deliberamos pela área de concentração e definimos os temas das duas linhas de pesquisa. Coube a mim elaborar o primeiro texto

da Área de Concentração, *História, Cultura e Poder*, que foi submetido ao grupo para debate e alterado mediante a colaboração de todos. E como Pró-Reitora, consegui os recursos para trazer os consultores. O projeto inicial foi redigido pelo Alexandre Barata, com participações adicionais dos demais membros. Esta atuação coletiva foi fundamental para a boa formatação da proposta.

Era um período ruim, do ponto de vista econômico, pois as universidades estavam sofrendo muitos cortes no Governo FHC. Por outro lado, a área de História caminhava para a expansão da PG e isto vinha a nosso favor. Por sermos uma universidade localizada na periferia de uma região que concentrava muitos Programas, tivemos que justificar muito bem a proposta e comprovar que tínhamos uma demanda real. Juiz de Fora é muito próxima ao Rio de Janeiro, mas é também um polo regional. Isto nos ajudou. Hoje recebemos alunos de vários lugares do Brasil, mas no início, atendíamos a esta demanda do interior de Minas ou do interior do estado do Rio de Janeiro. Tínhamos também importantes equipamentos de pesquisa, como um Arquivo Histórico da própria UFJF e bibliotecas bem equipadas às quais nos conveníamos. Havia também museus e outras instituições arquivísticas. Nosso Diretor de Instituto era membro do Departamento, Prof. Ignacio Delgado, que nos ofereceu muito apoio, além de fazer parte da comissão proponente. Tínhamos um Reitora – Margarida Salomão – empenhada na expansão da pós-graduação. Tal conjunção, mesmo no contexto de crise, nos foi favorável.

Felizmente conseguimos nossa aprovação. Me lembro do dia em que recebi a notícia. Foi um dos dias mais felizes de minha vida profissional. Digo sempre que os acadêmicos formam a única categoria profissional que fica exultante ao ser incentivada a trabalhar dobrado, ganhando a mesma coisa.

▪ *Como você analisa as transformações do PPG História ao longo destes quinze anos?*

Nossa expansão foi muito rápida. Na primeira avaliação trienal subimos a nossa nota para quatro e imediatamente nos mobilizamos para elaborar a proposta de criação do Doutorado. Desta fase não me lembro muito, pois estava fazendo *pós-doc* fora do Brasil. Mas me lembro que já tínhamos criado vários laboratórios de pesquisa e que os integramos de forma mais orgânica à estrutura curricular do Curso. Me lembro também das infindáveis reuniões para alteração de nosso Regimento Interno e de ter recebido outros consultores que discutiram conosco o projeto de Doutorado. Ressalte-se a atuação sempre muito responsável e ativa dos coordenadores da PG, todos eles, sem exceção. O empenho para a obtenção de bolsas e de recursos nos fez um dos programas que mais bolsas tinha para nossos alunos. Isto foi muito importante, pois permitiu que alunos de fora pudessem cursar o nosso Programa ou

pudessem se dedicar mais exclusivamente ao curso. Não tenho dúvidas que a alta qualidade das dissertações e teses provêm desses incentivos.

Antes mesmo de ter teses defendidas, na avaliação seguinte nossa nota subiu para cinco. Este crescimento nos animou muito. Nossa equipe foi se qualificando, se integrando a redes de pesquisas nacionais e internacionais. Alguns professores conseguiram se tornar bolsistas do CNPq e atuar na CAPES. Uma das consequências foi a ampliação de nossa inserção nacional e internacional. Começamos a captar muitos recursos nas agências de fomento. O Brasil crescia e com ele nós também.

▪ *Quais são os principais desafios colocados para o PPG História no futuro?*

Como todas as Universidades, passamos por um processo de renovação muito grande, em razão do REUNI ou da reposição das vagas de aposentadoria. Éramos um departamento de uma mesma geração, agora, bastante alterado. A atual gestão da UFJF, se empenhou muito para nos oferecer subsídios e apoio com vistas à internacionalização do PPGHIS, o que nos levaria à nota seis. É este o nosso grande objetivo. Recebemos um grande número de professores estrangeiros, criamos um programa de liberação de docentes para os estágios de pós-doutoramento e procuramos abrir o Colegiado para a entrada dos jovens docentes. Atualmente temos duas gerações distintas, que conseguem conferir ao Programa um equilíbrio entre pesquisadores juniores e seniores. Mas vejo – e isto é uma observação que deriva apenas de minha visão pessoal – que algumas mudanças na composição e alteração das atuais linhas de pesquisa se fazem necessárias. Não se trata de mudá-las de forma muito substantiva, mas apenas operar alguns ajustes para que se adaptem mais às mudanças historiográficas e, sobretudo, às alterações do quadro docente.

Mas nosso maior desafio não é este. Ele tem a ver com o desmonte em curso do Estado brasileiro e com os ataques que as universidades vêm sofrendo por parte do governo federal. A perda de bolsas e de recursos certamente terá um impacto negativo sobre o Programa, que esperamos compensar com muito trabalho e também com muita resiliência. O otimismo do início do novo milênio contrasta hoje com o desânimo e a descrença em dias melhores. Mas só nos resta prosseguir e conquistar mais um degrau em nosso nível de excelência.